

Práxis libertadora: uma compreensão de práxis no pensamento teológico de Francisco Taborda*

**Liberating praxis: a comprehension of praxis in the theological
thought of Francisco Taborda**

Carlos Rafael Pinto**

Resumo

Considerando o apelo eloquente que vem dos mais frágeis e necessitados, pretendemos mostrar a estrutura interna do conceito de "práxis" e seu sentido teológico, na obra *Cristianismo e ideologia*, do teólogo jesuíta Francisco Taborda. Para desenvolver esse tema, compreende-se previamente o homem como "ser histórico", cuja especificidade se realiza na práxis: uma hermenêutica feita pelo homem da produção da história que ele mesmo faz, constituindo uma dinâmica entre ação e reflexão. Por fim, este artigo conclui: embora a práxis histórica seja do homem, cuja obra é transformar o mundo, a mediação teológica dessa práxis acontece como uma abertura e, ao mesmo tempo, como uma resposta humana ao apelo eloquente que vem dos "rostos" de Deus, preferencialmente, os pobres, os oprimidos, os refugiados, os imigrantes e outros "rostos" que nos interpelam.

Palavras-chave: Ser histórico; práxis; rostos de Deus.

* Artigo recebido em 07/05/2017 e aprovado para publicação em 12/06/2017.

** Mestrando em Teologia (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia) e Graduado em Teologia e em Filosofia (Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora); bolsista da FAPEMIG. E-mail: crafelpinto@yahoo.com.

Abstract

Considering the eloquent appeal that comes from the most fragile and needy people, we intend to show the internal structure of the concept of "praxis" and its theological sense in the work of *Christianity and ideology*, of the Jesuit theologian Francisco Taborda. In order to develop this theme, we understand the man previously as "historical being", whose specificity is realized in praxis: a hermeneutic made by man of the production of history that he himself makes, constituting a dynamic between action and reflection. Finally, this article concludes: although the historical praxis is of man, whose work is to transform the world, the theological mediation of this praxis happens as an opening and, at the same time, as a human response to the eloquent appeal that comes from the "faces" of God, preferably the poor people, the oppressed, the refugees, the immigrants, and other "faces" that challenge us.

Keywords: Historical being; praxis; faces of God.

1. Estrutura do conceito

Frequentemente contrapõem-se teoria e práxis: enquanto esta significa ação, ou seja, o "homem de rua" que quer ação desprezando a teoria, aquela se define como pensamento puro, tal como o "especulador" que usa sua "teoria" para seus escusos fins práticos. No fundo é a contraposição que subjaz às concepções, impossibilitando considerar a práxis em sua globalidade como distintivo do ser humano.

Se a práxis define o homem, é algo global que não atinge apenas alguns aspectos do ser do homem. 'A *práxis* se articula com *todo* o homem e o determina em sua totalidade'. Não se pode, pois, considerar a teoria como um elemento que se acrescenta à práxis ou vice-versa (TABORDA, 1984, p. 65).

Compreende-se que existe uma relação simbiótica intrínseca à atividade humana: se, por um lado, a atividade humana sem teoria é vazia, por outro, a teoria sem atividade é morta. Eis o que se designa como "práxis", que, cabe ressaltar, permeia a consciência crítica e lúcida¹.

¹ Ao tratar a práxis, Taborda não usa o termo "lucidez". Todavia, João Batista Libanio o utiliza, a nosso ver, como "alma" da consciência crítica. Uma vez que toda realidade humana participa da ambiguidade, a lucidez consiste precisamente,

Ainda que práxis não se oponha à teoria, nem esta se lhe acrescenta como algo exterior e independente, para Taborda a “atividade transformadora e teoria são *momentos* do ser do homem enquanto elaborador da realidade, enquanto criador do mundo humano” (TABORDA, 1984, p. 66), os quais ele chama laborativo e teórico, que constituem a unidade designada de práxis.

No momento laborativo, que é o básico, atuando sobre uma matéria-prima, de natureza bruta ou já transformada, o homem, mediante o trabalho com o propósito de construir sua história, muda a realidade que o cerca. Convém observar que Taborda opta pelo termo “momento” e não por “parte”.

Como a transformação a ser realizada é a de um projeto histórico, a ser refletido e programado, requerendo, portanto, teoria, a descrição do momento laborativo da práxis remete necessariamente o homem ao momento teórico. Essa atividade humana transformadora deve ser apreciada a partir de critérios e ponderada criticamente, de modo que se exige o contrapeso do momento teórico.

Os momentos laborativo e teórico não formam uma relação mecânica, de tal modo que um seja o reflexo do outro. A autonomia relativa do momento teórico, isto é, a sua distância crítica frente ao momento laborativo possibilita a criatividade da práxis. O real histórico, por sua vez, marca fundamentalmente a consciência e a desafia a novas descobertas a partir da situação dada. Aí se verifica o caráter crítico e dialético da práxis².

O aspecto material da compreensão estrutural do conceito de práxis parte da constatação de que o homem não é um ser abstrato. Ele pode atuar na transformação da realidade, estabelecendo seu projeto histórico no mundo pré-formado, estruturado segundo leis imanentes à realidade existente. Essas estruturas destinam-se a perpetuar o estado de coisas, porém transformá-las significa rompimento. Por isso, a práxis histórica significa conflito.

Imerso na violência estrutural, o homem, que é sujeito da práxis, assume os riscos da práxis histórica, entrando no conflito que ela acarreta, à qual pertence por nascimento ou por opção o grupo social. Aqui se localiza a “dimensão existencial” ou “experencial” da práxis histórica. Ela brota de uma experiência pessoal e social (de classe) que é o móvel que impele a assumi-la:

ora perceber as trevas que nos cercam, ora as auroras que despontam. O autor observa que “a razão conhece o limite de todo conhecimento humano. Só conhecemos a partir de determinada situação, que, ao mesmo tempo, possibilita e interdita. [...] Só o diálogo amplia a verdade. Lucidez significa dialogar” (LIBANIO, 2009, p. 136).

² Para Taborda, a consciência crítica elabora a intuição e a utopia como mediações sócio-analítica e hermenêutica que constituem o momento teórico da práxis (cf. TABORDA, 1984, p. 72). Para a Teologia da Libertação (TdL) as “mediações” são os meios ou instrumentos de construção teológica. Em síntese, a mediação sócio-analítica olha para o lado do mundo oprimido, procura entender por qual motivo o oprimido é oprimido. A mediação hermenêutica olha para o lado do mundo de Deus, busca ver qual o plano divino em relação ao pobre. E a mediação prática, por sua vez, olha para o lado da ação e tenta descobrir as linhas operativas para superar a opressão de acordo com o plano de Deus (cf. BOFF, L.; BOFF, C., 1998, p. 44).

A dimensão existencial/experiencial canaliza o trabalho e a teoria para a construção da história no sentido da libertação do homem. A dimensão existencial/experiencial torna a atuação transformadora da realidade práxis histórica, dá à atividade do homem sua expressão de luta pelo reconhecimento (TABORDA, 1984, p. 72).

A dimensão existencial/experiencial da práxis é, pois, determinante no surgimento do momento teórico. Dessa dimensão pode intuir pela consciência crítica a primeira leitura da realidade como injusta e, ao mesmo tempo, a utopia de um futuro diferente. Ainda que seja um contato teórico, ou mais ainda, o momento laborativo (dimensão existencial/experiencial da práxis), a paixão pela justiça só surge do contato com a realidade sofrida.³

Essa condição de possibilidade da dimensão existencial/experiencial é a abertura do homem para o futuro como dimensão da existência humana. A luta empreendida por ele só é possível quando transcende o passado e o presente na esperança do futuro, não apenas de um futuro imediato. Desse modo, enquanto se abre para o futuro, a práxis histórica tem uma dimensão transcendente, abrindo-se para o outro:

Ou melhor, enquanto na práxis o homem é atraído pelo futuro ao ser apelado pelo outro: `... a esperança no futuro deita raízes no presente, [...] toma corpo no acontecer cotidiano em que há alegrias a gozar, mas também injustiças a suprimir e servidões de que se libertar'. Desta forma, dimensão transcendente e dimensão existencial/experiencial da práxis constituem duas faces do mesmo dinamismo: o impulso para a práxis histórica libertadora (TABORDA, 1984, p. 74).

Essas duas dimensões não se separam, visto que o sujeito se constitui por sua relação com o outro. De maneira elementar, considera-se a origem da práxis no sujeito (dimensão existencial/experiencial) e o fim que ele tem em vista (dimensão transcendente). Cabe considerar que o fim é também causa originante, na medida em que o fim desejável se instaura no movimento para atingi-lo. Assim se manifesta a unidade intrínseca dessas duas dimensões.

Por conseguinte, o horizonte de sentido da práxis histórica, à qual Taborda atribui o caráter de "espiritualidade", constitui-se da unidade da dimensão existencial/experiencial e dimensão transcendente, a partir da

³ Se esse contato for traduzido em compromisso com os oprimidos, constitui-se o primeiro passo para a TdL, o momento pré-teológico, sem o qual vira mera literatura. Na raiz do método da TdL se situa, pois, o vínculo com a prática concreta (cf. BOFF, L.; BOFF, C., 1998, p. 41-42).

qual tem sentido transformar a realidade visando a determinado fim, quer dizer, abrindo perspectivas de futuro para o outro.

2. Sentido teológico de práxis

Estabelecida a estrutura interna do conceito de práxis, questiona-se a abertura das possibilidades de sua relação e o seu uso teológico, com o objetivo de averiguar a leitura cristã do conceito de práxis.

Para Taborda, a essa pergunta se refere, inicialmente, o caráter de conceito aberto ou fechado. O fechado é um conceito que, originado dentro de determinado sistema filosófico ou por ele assimilado, não se presta de forma alguma à transposição a outro sistema.

A estrutura do conceito de práxis mostrou-nos, pelo contrário, uma porta aberta à Teologia da "espiritualidade" da práxis histórica, ou seja, à conjunção das duas dimensões: a existencial/experiencial e a transcendente. O horizonte de sentido da práxis, constituído por essas duas dimensões, é aberto:

Em vez de brotar da "mera" solidariedade humana de classe (mesmo que se reconheça nela toda sua dignidade ética e sua anonimidade cristã), a práxis histórica pode ter sua inspiração na fé e apresentar como dimensão existencial/experiencial a indignação profética de quem confronta a realidade com o plano de Deus, e como dimensão transcendente o futuro escatológico a ser antecipado aqui e agora para o outro (para todos os outros), na mediação dos quais encontro o totalmente Outro (TABORDA, 1984, p. 76).

Para o cristão, no sentido teológico de "espiritualidade", essa é "uma experiência espiritual autêntica", isto é, um encontro com o Senhor no pobre e no oprimido⁴; conseqüentemente, o pobre, o outro, aparece como revelador do totalmente Outro.

Assim, fé cristã se expressa não no espiritualismo superficial e festivo, mas no compromisso com o outro, especialmente o mais necessitado. Esse outro, o pobre na experiência cristã latino-americana está oprimido, fora do sistema, para que possa vigorá-lo.

Se, de acordo com Taborda, a solução for rejeitar o sistema vigente, indiscutível não indagar o que ele quer dizer com "rejeitar o sistema vigente", ou por outra, se essa rejeição seria total ou parcial. João Batista

⁴ Cf. Discurso escatológico em Mt 25, 31-46.

Libanio, através de seu método hermenêutico-dialético, indica um desafio para desenvolver a consciência crítica: tomar para si os valores e rejeitar os vícios das estruturas, seja socialista, caso de Cuba, seja capitalista.

Para os teólogos da libertação é indiscutível que a práxis tenha uma conotação fundamentalmente política, visto que é por intermédio do Político⁵ que se pode intervir sobre as estruturas sociais⁶ em favor dos pobres⁷ e oprimidos. Por outro lado, a “opção preferencial pelos pobres” levanta o problema de definir-se o que significa hoje a categoria pobre.

Numa breve análise do *Documento de Aparecida*, o sociólogo Pedro A. Ribeiro de Oliveira⁸ nota a contradição do conteúdo semântico da categoria pobre: se, de um lado, alarga seu conteúdo semântico, de outro, esvazia-se a radicalidade dessa opção preferencial. De qualquer modo, essa categoria ocupa um lugar central na Teologia Latino-Americana, que recorre à contribuição de outras ciências, numa abordagem pluridisciplinar: Sociologia; Filosofia, Psicologia e outras ciências.

Inevitavelmente, nessa perspectiva, recai-se em outro questionamento quanto à transferência da esfera religiosa para a política, por parte do Cristianismo: moldando-se ao movimento puramente político, a história da salvação pode reduzir-se à história política, e esta é obra do homem, não de Deus. Indaga-se: não se estaria subtraindo da história da salvação sua transcendência ou não estaria ela perdendo seu caráter de dom e de gratuidade?

A práxis histórica é, de fato, do homem, cuja obra é transformar o mundo em mundo humano, que o define como tal. Insere-se aí a mediação hermenêutica cristã (teológica): se a práxis histórica é do homem, não vem do homem, senão que é dom de Deus, resposta do homem⁹:

O outro me desperta para lutar pela libertação. A práxis é dom que me vem do outro. Nem poderia ser diferente, pois o homem transforma o mundo, porque é livre e na medida de sua liberdade. Ora, liberdade não é agir ao bel-prazer,

⁵ Clodovis Boff distingue “Político” (“Teologia do Político”) da “política”: “a primeira ideia designa a instância ou a ordem política, a saber, o lugar do poder de organização e transformação social; a segunda ideia se refere a uma prática histórica particular, concernindo sempre à instância do poder. [...] O lugar desse poder não é somente o Estado, mas, mais largamente, a Sociedade. Melhor, seu lugar é a relação entre a Sociedade e o Estado” (BOFF, 1978, p. 45).

⁶ Na *Octogesima Adveniens*, o Papa Paulo VI exorta os cristãos à ação política: “esforçar-se-ão os cristãos, solicitados a entrarem na ação política, por encontrar uma coerência entre as suas opções e o Evangelho e, dentro de um legítimo pluralismo, por dar um testemunho, pessoal e coletivo, da seriedade da sua fé, mediante um serviço eficaz e desinteressado para com os homens” (Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/apost_letters/documents/hf_p-vi_apl_19710514_octogesima-adveniens_po.html. Acesso em: 11 abr. 2016). Por conseguinte, Clodovis Boff ensina que, se a fé quer ser lúcida e eficaz, não pode mais colocar entre parentes a mediação política (cf. BOFF, op. cit., p. 43).

⁷ No discurso da sessão inaugural dos trabalhos da V Conferência Geral do episcopado da América Latina e do Caribe, em Aparecida (2007), o Papa Bento XVI atribui a opção preferencial pelos pobres à categoria cristológica: “a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com sua pobreza” (BENTO, *Documento de Aparecida*, 2007, p. 273).

⁸ Cf. OLIVEIRA, P. A. R. de. (Org.). *Opção pelos pobres no século XXI*. São Paulo: Paulinas, 2011.

⁹ Juan Luis Segundo afirma que o Deus cristão é um Deus que, amando, necessita do ser amado e de sua criatividade para a obra dele (cf. SEGUNDO, 1978, p.168).

não é arbitrariedade. Liberdade é um fenômeno intersubjetivo. Para ser livre preciso ser chamado à liberdade pela presença do outro. A partir do 'rosto do outro', que é sempre o pobre. E quem identifica esse pobre com o 'rosto de Deus', sabe-se chamado pelo totalmente Outro. Como a liberdade é dom de Deus por mediação do outro homem, também a práxis histórica. *Nesse sentido* (grifo nosso), a práxis é graça (TABORDA, 1984, p. 80-81).

Como fé e graça são duas realidades fundamentais da autocomunicação de Deus com os homens¹⁰, aprofunda-se, no sentido teológico, o conceito de práxis. Ou seja, graça e fé são expressões da ação salvífica de Deus. Relacioná-las com a práxis é reconhecer que práxis libertadora passa a ser a mediação humana da ação salvífica de Deus, e a salvação é participação na vida trinitária:

A formulação trinitária 'do Pai pelo Filho no Espírito Santo ao Pai' encontra um paralelismo impressionante na estrutura do conceito de práxis. Ora, como origem e meta, é como se apresenta o Pai no dinamismo trinitário. Se a práxis é graça, é em última análise o Pai que desafia a transformar o mundo de injustiça num mundo novo e de paz. E este é sua presença mesma como dom escatológico. A 'espiritualidade' da práxis é o chamado do Pai, feito desde o futuro escatológico (TABORDA, 1984, p. 82).

Levando-se em conta que a *Primeira Epístola de São João* considera a história da salvação como ação de Deus, que é amor¹¹, e que o livro do Êxodo apresenta Deus como libertador¹², o agir d'Ele em prol da libertação do seu povo expressa aquele amor libertador que se manifesta nas ações humanas libertadoras. Assim sendo, essa compreensão teológica do conceito de práxis nos impele a reconhecer que Deus mesmo se revela como práxis libertadora e, ao mesmo tempo, nos inspira a uma práxis libertadora na história.

Referências

¹⁰ Segundo Libanio, "a TdL considera toda práxis humana objeto de sua reflexão à luz da revelação. Com isso, quis evitar os dois extremos da alienação – teologia sem vinculação com a práxis – e do pragmatismo – ação sem a reflexão da fé" (Disponível em: G:\J B LIBANIO, SJ\Pe_ João Batista Libanio - Práxis Dicionário Orbis Books.htm. Acesso em: 24 set. 2011).

¹¹ Cf. 1Jo 4, 8,16.

¹² Cf. Ex 6, 6-7.

BENTO, PAPA, XVI. Discurso da sessão inaugural. In: CELAM. *Documento de Aparecida*: texto conclusivo da V Conferência Geral do episcopado latino-americano e do Caribe. 2.ed. Brasília: Edições CNBB et al, 2007.

BÍBLIA DE JERUSALÉM: primeiro e segundo testamentos. 5.ed. São Paulo: Paulus, 2008.

BOFF, C. *Teologia e prática*: teologia do político e suas mediações. Petrópolis: Vozes, 1978.

BOFF, L.; BOFF, C. Como se faz Teologia da Libertação. In: _____. *Como fazer Teologia da Libertação*. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

LIBANIO, J. B. A lucidez na Vida Consagrada. *Convergência*. Brasília, XLIV, mar. 2009, n. 419.

_____. Disponível em: G:\J B LIBANIO, SJ\Pe_ João Batista Libanio - Práxis Dicionário Orbis Books.htm. Acesso em: 24 set. 2011.

OLIVEIRA, P. A. R. de (Org.). *Opção pelos pobres no século XXI*. São Paulo: Paulinas, 2011.

PAULO, PAPA, VI. *Octogesima Adveniens*. Disponível em: Acesso em: 11 abr. 2016.

http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/apost_letters/documents/hf_p-vi_apl_19710514_octogesima-adveniens_po.html

SEGUNDO, J. L. *Libertação da teologia*. São Paulo: Loyola, 1978.

TABORDA, F. *Cristianismo e Ideologia*: ensaios teológicos. São Paulo: Loyola, 1984.